

O DESENHO COMO PALCO DA MEMÓRIA

DRAWING AS A STAGE FOR MEMORY

Igor Maciel da Silva¹

Resumo: O ambiente familiar com os olhares e frases sem palavras; a rua e os seus apontamentos em voz alta, em grupo, individual; a escola, a solidão do ir e vir do pátio, o refúgio na biblioteca e as surras do “te pego na saída”, foram os primeiros entendimentos para me reconhecer um menino gay na periferia de Contagem-Minas Gerais-Brasil. Identifiquei no uso do papel uma das melhores companhias para além do rádio – a voz que não me via. Comecei a escrever e a desenhar. Da minha relação com os desenhos, o que e como pincelo o meu real, o meu passado e o meu fictício, que pretendo apresentar neste texto.

Palavras-chave: Arte; memória; LGBT.

Abstract: The family environment with its glances and wordless phrases; the street and its loud notes, both in groups and individually; school, the solitude of coming and going in the playground, the refuge in the library, and the beatings of “I’ll catch you on the way out”—these were the first insights that helped me recognize myself as a gay boy in the outskirts of Contagem, Minas Gerais, Brazil. I identified in the use of paper one of the best companions besides the radio—the voice that couldn’t see me. I began to write and draw. From my relationship with drawings, what and how I paint my real, my past, and my fictional self, which I intend to present in this text.

Keywords: Art; memory; LGBT.

IMAGEM 1 - Cadeira de Balanço (2018)



Fonte: Autor (2018)

¹ Doutor em Estudos do Lazer, pela Universidade Federal de Minas Gerais. Artesão do desenho, da palavra e da dança. Compõe ilustrações de grandes espetáculos musicais, capas de revistas, teses, livros e afins.

O ambiente familiar com os olhares e frases sem palavras; a rua e os seus apontamentos em voz alta, em grupo, individual; a escola, a solidão do ir e vir do pátio, o refúgio na biblioteca e as surras do “te pego na saída”, foram os primeiros entendimentos para me reconhecer um menino gay na periferia de Contagem-Minas Gerais-Brasil.

Identifiquei no uso do papel uma das melhores companhias para além do rádio – a voz que não me via. Comecei a escrever e a desenhar. Da minha relação com os desenhos, o que e como pincelo o meu real, o meu passado e o meu fictício, que pretendo apresentar neste texto.

Para quem desenha, a primeira obsessão é conseguir fazer igual ao já pronto. A cópia é feito o estereótipo de gênero: há um modelo. Copia-se o que é posto. Imposto sem o pronome na frente. Assim, aos sete anos eu desenhava as imagens dos signos astrológicos dos cartões telefônicos (objeto de uso comum na virada do século XX para o século XXI). O meu preferido era o de Touro, por ser eu regido por ele. Também era um dos poucos que tinha a imagem completa, facilitando a observação. No do signo de Escorpião, por exemplo, apenas a parte final do animal era visualizada, assim como no de Virgem (a minha lua e o meu ascendente, na estipulada ordem).

Naquela mesma época, uma tia que é professora tinha alguns cadernos com desenhos para se fazerem cópias. Eles não eram coloridos, eram contornos em preto e branco. Algo como um livro didático para ensinar em sala o colorido. Em todas as suas páginas constavam rostos de mulheres. Não se tratava de qualquer rosto, pois as imagens eram constituídas por traços finos, olhos e cílios grandes, bocas entreabertas, assim como levemente percebia-se a existência de dentes para colorir. Os cabelos sempre lisos, e na cabeça havia um chapéu ou algumas flores que pareciam mais coroas para noivas do que simples adornos. Era o estereótipo da mulher ideal da virada do século XIX para o século XX sendo apresentado para o menino de 1993.

Essas ilustrações, somadas ao apoio familiar e escolar, sobretudo materno, de mulheres e de um tio também homossexual, constituíram o meu gosto por desenhar croquis de moda. No papel era apenas um corpo com roupa, e na mente cenas de lugares que essas mulheres ocupavam. Tais influências formaram não só o meu traço, mas também os caminhos que segui nas pesquisas de iniciação científica, trabalho de conclusão da graduação em Educação Física², mestrado³ e doutorado⁴ em Estudos do Lazer: mulheres nos divertimentos: o assunto que mais me interessa.

² O trabalho de conclusão de curso foi publicado em forma de artigo. Está disponível em: <https://revistavozes.uespi.br/index.php/revistavozes/article/view/145/0>. Acesso: 22 fev. 2025.

³ Dissertação disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/49419/1/SILVA%2C%20I.%20M.%20ELAS%20SE%20DIVERTEM%2C%202018.pdf>. Acesso: 22 fev. 2025.

⁴ Tese disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/39122/1/%5BTESE%5D%20SILVA%2C%20Igor%20Maciel.%20O%20MAIS%20COMPLETO%20DOS%20SPORTS%20ESPIRITUAES.%202021..pdf>. Acesso: 22 fev. 2025.

Retomando aos cartões telefônicos e ao livro de desenhos da minha tia, eles me fizeram entender o que as crianças “parecidas comigo”, nascidas no último decênio dos anos 1900, deveriam assimilar: afeminado é gay; gay é afeminado; gay é um entre-ser homem e mulher; você é gay porque convive e copia as mulheres do seu entorno; o filho gay é sempre o filho de uma mãe.

Já é sabido por debates anteriormente consolidados pela medicina, demais Ciências e opiniões separatistas, que a sociedade patriarcal apregoa o feminino como menos capaz de produzir e de se posicionar em relação aos homens. O afeminado então, nem se fala. Ainda que eu experimentasse o inferno na escola, sobretudo pelo fato de as crianças e os adolescentes que nela habitava me classificarem como afeminado (bicha, baitola ou viado, eram os termos mais usuais), foi na escola que eu também me reconheci potente. Eram sentimentos fluídos, mesmo que os negativos sobressaíssem.

Tal potência vinha do papel: ora por ser bom aluno ora por ter a habilidade de desenhar. Desde a antiga primeira série, por exemplo, a escola me inscrevia em concursos de desenho. Eu participava, e por todas as vezes eu ganhava algum tipo de premiação. Uma característica era comum entre a escrita e o papel: era tudo feito a lápis de escrever.

Eu não gostava de colorir, pois achava que o desenho perderia a sua identidade inicial. Com exceção de um concurso, no ano de 2004, em que eu usei cor somente para contrariar a professora que me inscreveu. Não porque eu não gostasse dela (muito pelo contrário), mas sim porque eu fui inscrito sem muito consentimento ou consciência, e pelo fato de eu não gostar de colorir, naquele concurso, eu colori rapidamente de giz de cera. E para ser mais específico, o concurso era de desenhos sobre uma represa da cidade, mas eu desenhei uma porteira de madeira, uma goiabeira e uma bananeira, que lá também estavam. Contrariado, recebi menção honrosa.

IMAGEM 2 - Acervo pessoal. Calendário da Prefeitura Municipal de Contagem



Concurso Pintando na Vargem - Menção Honrosa - Igor Maciel da Silva - 11 anos - E.M. "Otacílio Nunes dos Santos"

Fonte: Autor (2005)

Eu não entendia que o desenho me levaria a algum lugar, por isso quando eu desenhava de modo público era com a iminência da contraditoriedade – o desenho era para ser o meu segredo. Contudo, por serem bons, eles me colocaram diante do público. Até que com o desenho da porteira eu fui premiado em um palco, na frente de muitos candidatos, convidados e autoridades municipais. Voltei para a escola mais forte, mesmo que por alguns anos eu continuasse apanhando por ser uma criança fora do padrão heteronormativo.

De novo, infelizmente eu apanhei em junho de 2018. Violência física. Primeiro foi uma mordida nas costas, depois, socos, tapas, arranhões, joelhadas e um quase enforcamento que eu consegui evitar. A meia na minha boca e os murros no ouvido direito vieram ao final, junto a palavras e outras palavras outras, diante de uma parede com uma janela; pijama

rasgado, dente da frente quebrado e pedidos de socorro sem auxílio. Por volta da meia noite, com uma mochila nas costas e incompletas cinco sacolas de roupas, eu consegui ir para o portão, mas antes passei por cinco casas presentes no mesmo lote, cujas portas constituíam o mesmo corredor. Consciente, “ele” me pediu para devolver a chave de casa. A polícia não me levou para a casa da minha mãe, pois disse que não fazia condução intermunicipal.

Antes que pareça lamúria com o acontecido (ainda que eu tenha o direito de me lamentar), ou mesmo querendo a conta desse mal, eu quero escrever duas constatações pessoais: homens gays envolvidos em violência física possuem pouco ou quase nenhum apoio, pois de criança até 2018, a expressão que mais escuto é: “um menino/um homem desse tamanho apanhando? Por que não deu um cacete nele? Por que não reagiu?”. Segundo, as minhas maiores companhias para me recuperar da agressão última foram sobretudo as minhas amigas e o papel. Mas dessa vez com dois ingredientes nunca tão presentes: cores de tintas por ação de pincéis.

IMAGEM 3 - Corpo Mordido (2018)



Fonte: Autor (2018)

Diferentemente da obra *Cadeira de balanço* (2018), em que me represento de costas, sozinho, no espaço da casa em que eu morava e sofri violência física, os demais começaram a ganhar fundos, cores distintas e sobretudo, a minha nova e feliz personalidade. Não detalharei demais acontecimentos de 2018 para cá, ainda que eu tenha muito para contar sobre cores, lugares, exposições, propostas, realizações, autoconhecimento e cura.

Deste momento do texto em diante, quero apresentar alguns dos meus desenhos que me conectam às minhas memórias. As obras são pintadas a mão, em diversos tipos de papéis, usando nanquim, guache e aquarela. Eu sempre pinto em casa, pois ainda que público, preservo os segredos das ações dos pincéis.

LORENA

Antes de conviver com a Lorena eu conheci a sua prima. Estudamos juntos da antiga primeira até a quarta série. Mudamos de escola, primeiro a prima e depois eu. No novo educandário eu conheci a Lorena e lá nos aproximamos.

Lorena e eu morávamos no mesmo bairro e seguíamos juntos na ida e na volta da escola. Além de conversa de amizade, descobrimos que as nossas famílias se conhecem desde os tempos de outrora, quando a minha avó trabalhava na funerária, e ajudou no sepultamento de um dos seus irmãos mais velhos. O seu pai, “Zé Pretinho”, também é um velho amigo da família.

Na volta da escola, Lorena começou a me defender de muita surra prometida. Nas sextas-feiras, ao final do dia, eu assistia ao vôlei na rua da sua casa (rua 10). Ela sempre foi uma exímia desportista, mas naquelas ocasiões se permitia dividir o meio fio do passeio comigo (futuro míope que não enxergava bem o voleio da bola). Desde aquele tempo eu sabia que Lorena é uma amiga para sempre.

Lorena se relaciona com mulheres, e continuamente a percebia em relações em que se doava mais do que partilhavam com ela. Atualmente, ela está em uma nova relação, com cheiro de afeto e casa nova. Lorena, mulher preta, namora uma mulher preta.

Orgulhoso pelas atuais páginas da sua história, reparei que o seu amor a encorajou a olhar para si e, do mesmo modo, ter orgulho de ser ela mesma (na vida de mulheres negras, o apagamento de seus desejos e trajetórias é algo comum, como é sabido). Lorena abandonou o alisamento dos cabelos e se propôs à transição capilar.

Assim nasceu um desenho dedicado à ela, a sua transição capilar, ao seu novo amor, ao desejo de que a felicidade permaneça em sua vida e que ela continue sendo a motorista de seu próprio caminho. Talvez essa obra devesse ser intitulada de coragem, tal qual um dos principais significados de seu nome: “reino da famosa guerreira”.

IMAGEM 4 - A transição de Lorena (2025)



Fonte: Autor (2025)

ALUGA-SE OU VENDE-SE

Na semana passada foram duas entregas presenciais e um orçamento
Terceirização é isso, ou fecha de início ou o processo é moroso
O importante é fazer negócio
Tem de todos os tipos e tamanhos
Alguns chegam muito coagulados, mas nesses casos uma dose cavalgar de heparina ajuda
Não se ajuda a ninguém: ou aluga ou vende
Contratos mais baratos podem ser feitos, mas só para as peças sem garantia
Aqueles que já estão muito rígidos, com cores mal passada e cheiros duvidosos,
mas tem para todos os gostos
A condição preliminar é que o dono ou a dona entregue pessoalmente
Tem que ser tirado quente, e depois colocado a mostra, bem amostra
A contratação é no sigilo, codificada, pois assim não se descobrirá a procedência

Há uma mulher de seios fartos que cuida dos contratos e dos contatos
Somente ela vê a cara de quem aluga ou vende
Tira-se ali mesmo, e é você quem tira
Mas isso é irrelevante, o mais importante é pulsar, mesmo que economicamente
E ainda que de cara bonita ou feia, o importante é sangrar
Coração entregue, contrato assinado, ou se aluga ou se vende

IMAGEM 5 - Aluga-se ou vende-se (2025)



Fonte: Autor (2025)

Eu caminhava por uma avenida de Belo Horizonte um dia após doar sangue para o pai de Lorena, que se encontra em tratamento de saúde. Doar sangue aos 31 anos, depois da primeira tentativa nula aos 18, foi algo excepcional. Gay era censurado a doar sangue, mesmo com o líquido sendo feito de hemácias, plaquetas, ferritina como o de qualquer outro.

O que eu senti naquele dia foi uma sensação de ser normal, nunca sentida outrora. Eu pude fazer o que qualquer pessoa considerada normal pode. A hora não foi a melhor, haja vista a falta de saúde plena do pai da minha amiga, mas, por ser um ato inédito, foi um dos sentimentos mais sublimes da minha vida.

Naquele dia, enquanto eu subia a Avenida do Contorno, aconteceu a epifania de ver uma Pombagira vendendo corações em uma pequena loja de comércio. Sem entender do que se tratava, comecei a questionar a aparição daquela imagem ainda em construção. A resposta que tive está afim com aquele assunto de vivermos tempos de amores efêmeros, mas que caberia a minha consciência alugar ou vender o meu coração (ilusoriamente, haja vista que ele nunca sairá do meu peito enquanto eu for chamado de vivo). Mas, sangue eu agora posso doar.

Nessa obra eu também represento a minha prática religiosa, importante meio de inspiração para a maioria dos meus desenhos. Há nela o misticismo de trazer o amor em três dias, mas eu nunca vi isso no Terreiro. O Candomblé me fez, me forma e me constitui como pessoa no mundo.

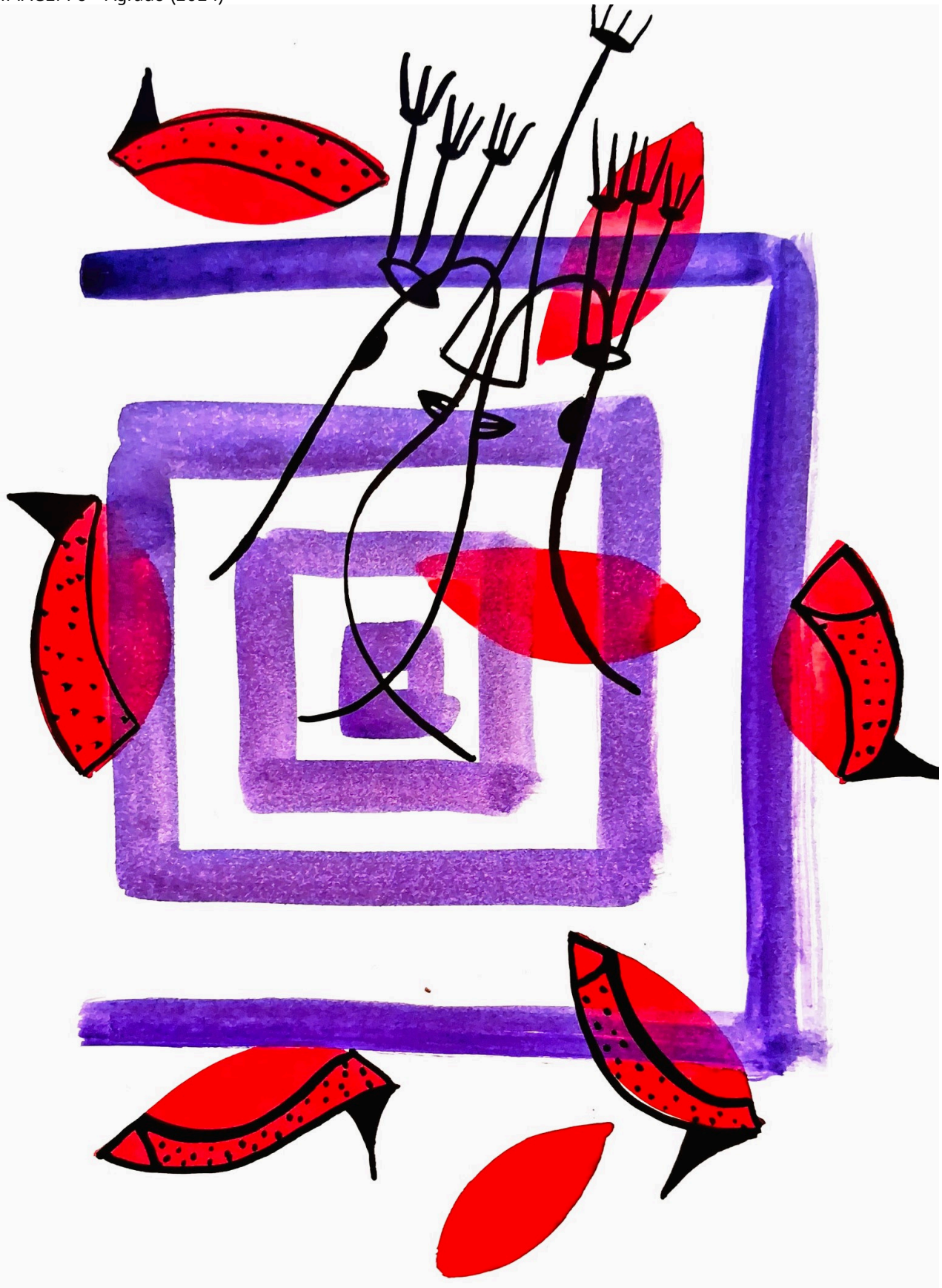
O desenho veio primeiro e a poesia depois.

AGRADO

Os filmes do cineasta espanhol Pedro Almodóvar me ensinaram que as lágrimas podem se transformar em sapatos de salto alto e em espinhos; que amores acariciam e machucam. Nisso, existem as estratégias para o encontro. Intencionais ou não. Só o indivíduo saberá de que lado joga. Há sempre o primeiro que quer mudar a rota sem aviso prévio.

Agrado é a personagem que primeiro me cativou. Está na película “Tudo sobre minha mãe” (1999). Assisti de primeira em um encontro formativo do Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual (CELLOS), de Contagem, no ano de 2009. Reconheço-me em Agrado, na curiosidade do personagem Esteban, assim como nos desagradados de outras tramas do artista.

IMAGEM 6 - Agrado (2024)



Fonte: Autor (2024)

ECLIPSE DO AMOR

Sonhei com um menino dourado que brincava com uma coisa parada no seu nariz. Vendo de longe parecia o pouso de uma borboleta de cor preta. No sonho eu assistia a minha própria observação. O que havia no nariz do rapaz não se tratava de uma borboleta, era o Sol em forma de criança equilibrando a lua na ponta do nariz, ou simplesmente trocando carinhos com ela. Lembro que, enquanto eu dormia, aquela imagem me fez sentir cócegas no nariz.

Desenhar também me dá carinhos.

IMAGEM 7 - Eclipse do amor (2025)



Fonte: Autor (2025)

Recebido em: 25/02/2025
Aceito em: 16/04/2025